



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDO COSTEIRO
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS**

**MARIANE DA SILVA CARVALHO
RAISSA CONCEIÇÃO ALVES**

**A ETNOTAXONOMIA DOS PEIXES DAS VILAS, VISTA ALEGRE DO PARÁ E
ARATICUM-MIRIM, MARAPANIM, PA, BRASIL.**

Bragança-PA

2023

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Pará por nos receber e abrir portas para realização de nossos sonhos e ao seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a excelência do ensino.

Ao nosso orientador, Prof. Dr. Luiz Antônio Wanderley Peixoto, por aceitar conduzir nosso trabalho de pesquisa, pela entrega e dedicação durante todo processo de elaboração do presente trabalho.

Somos gratas pela receptividade dos habitantes das vilas Vista Alegres do Pará e Araticum-mirim, as quais foram a sede da nossa pesquisa e a todos que colaboraram com processo de obtenção de dados.

Eu, Mariane, agradeço primeiramente a Deus por me ajudar nessa caminhada. À minha família, em especial minha Vó Arlinda Ribeiro, minha mãe Milene Ribeiro, minha prima Naira da Silva e minha tia Marlene Ribeiro, das quais nunca mediram esforços para me ajudar em todas as áreas da minha vida pessoal e acadêmica. E por fim, meus agradecimentos à minha dupla Raissa C. Alves que aceitou entrar nessa jornada comigo.

Eu, Raissa, em primeiro lugar agradeço a Deus por conduzir meus passos durante a caminhada na vida acadêmica. À minha família em especial meu pai Moacir M. Alves, minha mãe Maria Cirene M. Conceição por todo suporte emocional e apoio em todas as etapas deste projeto, ao meu esposo Rafael V. R. dos Santos por todas as palavras de carinho e apoio, a minha filha a pequena Maria Ísis pela inspiração que sua presença me proporciona. À minha dupla Mariane da S. Carvalho por topar fazer parte da construção desse projeto ao meu lado.

LISTA DE FIGURAS E LEGENDAS

Figura 1: Mapa das vilas de Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim, Município de Marapanim-PA, Nordeste Paraense.

Figura 2: Registro de espécime de *Trachinotus carolinus*, etnoidentificado como Candira, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 3: Registro de espécime de *Centropomus irae*, etnoidentificado como Camorim, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 4: Registro de espécime de *Brachyplatystoma vaillantii*, etnoidentificado como Dourada, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 5: Registro de espécime de *Bagre bagre*, etnoidentificado como Bandeirado, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 6: Registro de espécime de *Cynoscion virescens*, etnoidentificado como Corvina-corneta, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 7: Registro de espécime de *Cynoscion leiarchus*, etnoidentificado como Corvina-dura, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 8: Registro de espécime de *Trachinotus cayennensis*, etnoidentificado como Pratiuiro, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 9: Registro de espécime de *Cynoscion microlepidotus*, etnoidentificado como Pescada-amarela, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 10: Registro de espécime de *Nebris microps*, etnoidentificado como Sete-grude, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 11: Registro de espécime de *Genyatremus luteus*, etnoidentificado como Peixe pedra, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 12: Registro de espécime de *Mugil incilis*, etnoidentificado como Caíca, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 13: Registro de espécime de *Batrachoides surinamensis*, etnoidentificado como Pacamum, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 14: Registro de espécime de *Macrodon ancylodon*, etnoidentificado como Gó, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 15: Registro de espécime de *Sciades herzbergii*, etnoidentificado como Bagre, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 16: Registro de espécime de *Menticirrhus cuiaranensis*, etnoidentificado como Mãe-de-vô, Araticum-Mirim, PA, Brasil.

Figura 17: Registro de espécime de *Sciades proops*, etnoidentificado como Cangatá, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 18: Registro de espécime de *Lobotes surinamensis*, etnoidentificado como Carauçu, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 19: Registro de espécime de *Elops smithi*, etnoidentificado como Uéua, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 20: Registro de espécime de *Bagre bagre*, etnoidentificado como Bandeirado, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 21: Registro de espécime de *Mugil incilis*, etnoidentificado como Caíca e Tainha, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 22: Registro de espécime de *Diapterus rhombeus*, etnoidentificado como Bico-doce, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 23: Registro de espécime de *Chaetodipterus faber*, etnoidentificado como Pamplo, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 24: Registro de espécime de *Strongylura marina*, etnoidentificado como Timucu, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 25: Registro de espécime de *Centropomus irae*, etnoidentificado como Camorim, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil

Figura 26: Registro de espécime de, etnoidentificado como Arraia, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 27: Registro de espécime de *Anableps microlepis*, etnoidentificado como Tralhoto, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 28: Registro de espécime de *Scomberomorus brasiliensis*, etnoidentificado como Peixe serra, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 29: Registro de espécime de *Mugil curema*, etnoidentificado como Pratiqueira, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 30: Registro de espécime de *Macrodon ancylodon*, etnoidentificado como Gó, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 31: Registro de espécime de *Sciades passany*, etnoidentificado como Oritinga, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 32: Registro de espécime de *Cetengraulis edentulus*, etnoidentificado como Sardinha, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 33: Registro de espécime de *Anchovia clupeioides*, etnoidentificado como Sardinha-de-gato, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 34: Registro de espécime de *Paralonchurus brasiliensis*, etnoidentificado como Cachôrra, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 35: Registro de espécime de *Selene vomer*, etnoidentificado como Peixe-galo, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 36: Registro de espécime de *Oligoplites palometa*, etnoidentificado como Pratiuiro, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

Figura 37: Registro de espécime de *Trichiurus lepturus*, etnoidentificado como cinturão e Peixe-espada, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

LISTA DE TABELA E LEGENDAS

Tabela 1: Correlação da aplicação da nomenclatura popular e classificação técnico-científica dos peixes registrados nas localidades de Araticum-mirim e Vista Alegre do Pará.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. OBJETIVO.....	11
2.1 Geral	11
2.2 Específico	12
3. MATERIAL E MÉTODOS	12
3.1 Áreas de estudo	12
3.2 Entrevistas	13
4. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	13
5. CONCLUSÃO.....	21
6. REFERÊNCIAS.....	21
ANEXOS.....	27

RESUMO

A pesca artesanal é uma importante atividade socioeconômica para a população das comunidades presentes nesse estudo, visto que sua principal fonte de renda vem do comércio pesqueiro, o conhecimento e experiência oriundos dessa atividade são importantes para a identificação e classificação de peixes naturais dessa região. Levando em consideração essas informações, buscamos aprofundar mais na correlação entre a nomenclatura comum usada pelos pescadores e a classificação técnica-científica na perspectiva etnobiológica. Verificando a vasta diversidade das etnoespecies nas comunidades do Nordeste Paraense, das quais recebem os nomes de Vista Alegre Do Pará e Araticum-Mirim situadas em Marapanim-Pa. Para a obtenção de informação foram realizadas entrevistas com os pescadores/morados das regiões, com abordagem sobre nome, profissão, idade e principalmente o nome popular de cada espécie capturada. Foram realizadas entrevistas com seis pescadores locais, todos do sexo masculino, com idades entre 30 à 59 anos. Realizaram-se registro em nível de espécies em 36 táxons, distribuídos em 18 famílias e 14 ordens diferentes. Estes dados surgem a partir de 13 etnoespécies registradas em Araticum e 25 etnoespecies registradas em Vista Alegre do Pará.

Palavras-Chave: Pesca artesanal, Peixes. Etnoictiologia

ABSTRACT

Artisanal fishing is an important socioeconomic activity for the population of the communities present in this study, since their main source of income comes from the fishing trade, the knowledge and experience arising from this activity are important for the identification and classification of natural fish in this region. Taking- this information into account, we sought to delve deeper into the correlation between the common nomenclature used by fishermen and the technical-scientific classification from an ethnobiological perspective. Verifying the vast diversity of ethnospecies in the communities of Northeast Pará, which are called Vista Alegre Do Pará and Araticum-Mirim located in Marapanim-Pa. To obtain information, interviews were carried out with fishermen/residents of the regions, covering the name, profession, age and mainly the popular name of each species captured. Interviews were carried out with six local fishermen, all male, aged between 30 and 59 years old. Species-level records were carried out in 36 taxa, distributed in 18 families and 14 different orders. These data arise from 13 ethnospecies recorded in Araticum and 25 ethnospecies recorded in Vista Alegre do Pará.

Keywords: Artisanal fishing, Fish, Ethnoichthyology

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios conceituar o mundo biológico e sua evolução é uma prática realizada constantemente, tanto pelos pioneiros quanto pelas sociedades atuais, dessa maneira, “A etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia” (POSEY, 1987).

A etnobiologia busca compreender as várias formas de vida, investigando para quais fins são usadas e buscando uma resposta para saber quais os motivos dessas escolhas. Porém seu foco principal não é as plantas ou animais, e sim o conhecimento que os seres humanos têm diante a natureza e seus recursos, sobre a diversidade e como elas se relacionam, (BEGOSSI, 2004; LUCENA, 2021).

Nesse sentido entendemos que qualquer agrupamento social tem sua própria forma de estudar e dar significado ao meio natural, levando em conta suas formas de vida, crença e cultura, além de dialogar com diferentes ciências como Biologia, Zoologia, Antropologia, geografia (Lucena, 2021). Esta inter-relação permite ao pesquisador comparar os recursos utilizados em diversas comunidades, a fim de saber como as pessoas utilizam o bio-recurso do meio onde vivem. “Esta imbricação entre os mundos natural, simbólico e social exige uma abordagem interdisciplinar de caráter *cross-cultural* no estudo das diferentes culturas. A etnobiologia prevê essa inter-relação” afirma (POSEY, 1987).

Observando a literatura nota-se que esta ciência é relativamente nova no Brasil. Desfrutada por poucos antropólogos, enfatiza-se que os povos indígenas são a única fonte vivente capaz de nos reportar saberes que perpassam as gerações, saberes que viabilizam a sobrevivência do ser humano em determinadas regiões (Ribeiro, 1985). Dito isto, desconsiderar qualquer informação acerca dos distintos campos que compõe as ciências biológicas, independente da sociedade, podem inibir grandes contribuições de concepções já existentes ou que posteriormente poderiam ter significado relevante para o mundo biológico (MARQUES, 1991).

A etnobiologia em toda sua extensão estuda a fauna, a flora, e o ambiente, porém a interação entre elas e a maneira que são utilizadas por diferentes culturas é o verdadeiro cerne desta ciência. Para compor o etnoconhecimento o estudo abrange vários campos como, por exemplo, a botânica, a zoologia e a ecologia as quais utilizam do conhecimento popular para identificar, nomear, classificar e até sinalizar possíveis riscos aos recursos naturais, como o

risco de extinção de espécies animal ou vegetal (Malheiros, 2020). Neste contexto a etnobiologia integra-se de subáreas tais como, etnozootologia, etnobotânica, etnoecologia entre outras. A etnozootologia é o conhecimento do povo tradicional com relação a fauna (animais), busca compreender como o ser humano percebe, utiliza e classifica os animais considerando os costumes de cada povo. Esta relação tem como base principalmente a necessidade da busca de recursos para sobrevivência do ser humano (Lima *et al*, 2014). Trabalhos como os de (Prado-silva *et al*, 2022; Lima *et al*, 2014), destacam a importância da conservação faunística e até mesmo para recursos medicinais, à exemplo a pesquisa de (Costa-neto, 2011). A etnobotânica é o conhecimento popular com relação à flora (plantas), possibilita a troca de experiência entre especialistas e comunidade. É capaz de aproximar o conhecimento científico com o conhecimento tradicional, estudar etnobotânica promove melhoras na relação dos seres humanos com o ambiente onde vivem, pesquisas como (Oliveira, 2019; Rocha, 2015), contribuem para implantação de práticas de conservação. A etnoecologia estuda o conhecimento tradicional de um povo e a interação com o ambiente onde vivem, os tipos específicos de culinária, pesca e do cultivo formam um conjunto de saberes que demonstram o modo de vida de um povo, sendo a base da etnoecologia, tal como o trabalho de (Toledo, 2009) que ressalta a necessidade de valorizar os conhecimentos milenares dos povos tradicionais.

A etnotaxonomia ou (Taxonomia Folk) é uma vertente da etnobiologia que busca compreender a percepção quanto às classificações da natureza por populações de comunidades sem embasamento científico, apenas a partir de seus conhecimentos prévios, geralmente passados de geração em geração. A etnotaxonomia faz uso do conhecimento popular para nomear espécies, porém ela vai além de apenas dar nomes. Esse saber favorece o reconhecimento de aspectos ecológicos, do comportamento e da questão morfológica das espécies na região.

Para Clauzet *et al* (2007), embora existam duas vertentes de organização, ou seja, classificação taxonômica para compreender a natureza tais como, taxonomia biológica e taxonomia folk, é possível observar que a principal divergência entre as duas ideias está nos métodos de classificação escolhido por ambas, da mesma forma que a similaridade torna-os complementares uma da outra LOPES *et al* (2010).

Os conhecimentos que encontramos nas comunidades pesqueiras são extremamente relevantes para contribuir no estudo científico taxonômico em ictiologia. Uma vez investigado

como se dá a sistemática desses pescadores será possível observar e comparar o quão próximo os seus conhecimentos estão da sistemática clássica (MARQUES, 1991).

O Brasil é o maior depositário da biodiversidade mundial, certamente é o país que detém a maior riqueza de espécies de vertebrados, (Sabino & Prado, 2005; Carvalho Junior, 2008), entre esses estão os peixes, sendo os mais numerosos ultrapassando 28.000 espécies descritas (Pough *et al*, 2008), representa pouco mais da metade de todos os vertebrados conhecidos. Por conter um alto teor de proteínas, vitaminas, ácidos graxos essenciais, os peixes tem alto valor nutritivo para a população sendo considerado alimento de suma importância para a dieta humana (Pinto *et al*, 2011), além disso tem influência socioeconômica, já que um grande número de pessoas dependem de atividades pesqueiras para obter renda e alimentação (CRUZ, 2016).

Alguns estudos (chaves, *et al*, 2018; Clauzet, *et al*, 2007; Souza, *et al*, 2016) tem se destacado no campo da etnobiologia, focados em estudar a relação estabelecida e mantida entre os peixes e as sociedades, ou seja, etnoictiologia (SILVANO, 1997).

O qual prioriza a percepção humana diante os recursos naturais que estes manuseiam, levando a um aspecto importante que é o diálogo com a comunidade sobre a conservação, estudando e observando os recursos do local percebendo assim alterações ambientais, evitando a diminuição de determinadas espécies locais.

Assim como em todo o estado, as pequenas vilas de Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim revelam a alta biodiversidade local, apresentam características climáticas, físicas e biológicas que abrangem diversas formas de vida e ecossistemas. Através de estudos ecológicos junto às comunidades é possível reproduzir ideias de conservação, valor da etnobiologia, a importância do desenvolvimento sustentável e, sobretudo alternativas sustentáveis para possíveis danos causados pela perda da biodiversidade, uma vez que estas características favorecem a sobrevivência dos presentes e futuras gerações.

O presente trabalho tem por objetivo analisar e comparar os aspectos etnotaxonomicos dos peixes por pescadores das vilas, Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim município de Marapanim-PÁ, visando conhecer e registrar a diversidade da íctiofauna local favorecendo o manejo e conservação da pesca artesanal no Pará, Brasil.

2. OBJETIVO

2.1 Geral

Investigar a correlação entre os nomes utilizados em uma perspectiva de nomenclatura popular e a classificação técnico-científica dos peixes pelas vilas Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim, Marapanim-Pará, Brasil.

2.2 Específicos

- Relacionar a nomenclatura comum utilizada pelos pescadores/moradores de Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim, com a classificação técnica de acordo com a literatura ictiológica contemporânea.
- Verificar a diversidade de etnoespécies ocorrem nas vilas Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim.
- Comparar a ictiofauna das vilas Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim, levando em conta a curta distância entre elas.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. Área de estudo

O estudo foi realizado no município litorâneo Marapanim-Pa, mais precisamente nas vilas Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim (**fig.1**).

Figura 1- Vila de Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim, Município de Marapanim-PA, Nordeste Paraense.



Fonte: <https://mapcarta.com/pt/24984522>

Vista Alegre do Pará está situada na região do Nordeste Paraense, na porção litorânea do município de Marapanim (0° 38' 58"S ou 47° 42' 48" W), dista 11 km da sede municipal, com acesso pela rodovia PA-318 (Marapanim-Marudá).

A vila de Vista Alegre do Pará está inserida na bacia hidrográfica dos rios Camará e Cajutuba. A população estimada é de 1300 habitantes, os quais fazem da pesca artesanal sua principal atividade econômica, utilizam embarcações de pequeno e médio porte (motorizadas e a vela) para auxiliar na pesca. As pescarias são feitas na embocadura do rio Cajutuba, Atlântico e ao largo do colar de vilas pesqueiras da costa atlântica do Pará (Tamaruteua, Sacaiteua), o pescado capturado através dessa prática abastece do mercado local até a capital Paraense.

A vila de Araticum-mirim situa-se na região do Nordeste Paraense, na porção litorânea do município de Marapanim ("0° 40' 13" S ou 47° 38' 30" w). Distante a 20 km, o acesso à cidade de Marapanim, sede municipal, se faz pela rodovia PA 318 (Marapanim-Marudá) cujo percurso dura em torno de 20 minutos.

Sua posição praiana lhe facilita uma vida econômica praticamente voltada para o mar. À vila de Araticum-mirim está inserida na bacia hidrográfica do rio Marapanim, a população é estimada em 957 indivíduos os quais dependem quase que exclusivamente da pesca artesanal feita em redes, curral, tarrafa e anzol.

3.2. Entrevistas

Para coleta de dados ictiológicos dos pescados capturados e comercializados nas vilas Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim, utilizou-se de entrevistas semiestruturada de baixa complexidade, ou seja, organizadas por questões básicas de fácil compreensão (Trivinos, 1987, p.152). Foi realizada através de visitas semanais (terça-feira) aos trapiches, local onde os pescadores desembarcam todo conteúdo da pescaria, totalizando 4 visitas em cada vila, no período de setembro a outubro de 2023.

Durante as visitas as vilas realizaram-se entrevistas com seis moradores/pescadores locais em cada vila, todos do sexo masculino, a fim de obter as seguintes informações: Nome e profissão dos moradores, nome popular das espécies capturadas. No decorrer das visitas as espécies capturadas foram fotografadas, para posterior identificação. As espécies foram identificadas de acordo com a literatura atual.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As comunidades de Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim localizadas no município de Marapanim-PA, fazem parte do grupo de pequenas comunidades em que a pesca artesanal assume importante papel socioeconômico, tais como na ocupação de mão-de-obra, geração de renda e oferta de alimentos para a população, principalmente as localizadas no meio rural (SANTOS, 2005).

Utilizando-se de embarcações de pequeno e médio porte para facilitar sua locomoção e com diversificados instrumentos de pesca, tais como: redes, anzóis, curral e tarrafa, os produtos dessa atividade são identificados e classificados pelo etnoconhecimento dos próprios pescadores, a partir disso, em Araticum-mirim os peixes são utilizados para consumo e comércio local, já em Vista Alegre do Pará são selecionados os peixes que devem ser comercializados na comunidade e os que vão ser direcionados à capital paraense, Belém-PA. Durante essa pesquisa ictiológica foram entrevistados cerca de seis pescadores do sexo masculino, com idades entre 30 a 59 anos, onde foram abordados os conhecimentos sobre a ictiofauna local oriundo de suas experiências.

Os pescados (**Fig. 2-37**) foram identificados e classificados em nível de espécies em 36 táxons, distribuídos em 18 famílias e 14 ordens diferentes. Estes dados surgem a partir de 15 etnoespécies registradas em Araticum e 23 etnoespécies registradas em Vista Alegre do Pará, levando em conta espécies com mais de um nome popular, (**Tabela1**).

Tabela 1. Correlação da aplicação da nomenclatura popular e classificação técnico-científica dos peixes registrados na localidade de Vista Alegre do Pará e Araticum-mirim

Nome científico	Ordem	Família	Nomenclatura popular	Localidade da Entrevista
<i>Bagre bagre</i> (Linnaeus 1766)	Siluriformes	Ariidae	Bandeirado	Araticum-mirim
<i>Centropomus irae</i> Carvalho-Filho, Oliveira, Soares & Araripe 2019)	Perciformes	Centropomidae	Camorim	Araticum-mirim
<i>Cynoscion microlepidotus</i> (Cuvier 1830)	<i>Incertea sedis</i>	Scianidae	Pescada-amarela	Araticum-mirim
<i>Cynoscion leiarchus</i> (Cuvier 1830)	<i>Incertea sedis</i>	Scianidae	Corvina-dura	Araticum-mirim
<i>Batrachoides surinamensis</i> (Bloch & Schneider 1801)	Batrachoidiformes	Batrachoididae	Pacamum	Araticum-mirim
<i>Macrodon ancylodon</i> (Bloch & Schneider, 1801)	Acanthuriformes	Sciaenidae	Gó	Araticum-mirim
<i>Nebris microps</i> Cuvier 1830	<i>Incertea sedis</i>	Scianidae	Sete-grude	Araticum-mirim
<i>Sciades herzbergii</i> (Bloch 1794)	Siluriformes	Ariidae	Bagre	Araticum-mirim
<i>Genyatremus luteus</i> (Bloch 1790)	Acanthuriformes	Haemulidae	Peixe pedra	Araticum-mirim
<i>Mugil incilis</i> Hancock 1830	Mugiliformes	Mugilidae	Caíca	Araticum-mirim
<i>Cynoscion virescens</i> (Cuvier 1830)	<i>Incertea sedis</i>	Scianidae	Corvina-corneta	Araticum-mirim
<i>Trachinotus carolinus</i> (Linnaeus 1766)	Carangiformes	Carangidae	Candira	Araticum-mirim
<i>Brachyplatystoma vaillantii</i>	Siluriformes	Pimelodidae	Dourada	Araticum-mirim
<i>Menticirrhus cuiaranensis</i> Marceniuk, Caires, Rotundo, Cerqueira, Siccha-Ramirez, Wosiacki & Oliveira 2020	<i>Incertea sedis</i>	Scianidae	Mãe-de-Vó	Araticum-mirim
<i>Oligoplites palometa</i> (Cuvier 1832)	Carangiformes	Carangidae	Pratiuiro	Araticum-mirim
<i>Sciades passany</i> (Valenciennes 1840)	Siluriformes	Ariidae	Oritinga	Vista Alegre do Pará
<i>Centropomus irae</i> Carvalho-Filho, Oliveira, Soares & Araripe 2019)	Perciformes	Centropomidae	Camorim	Vista Alegre do Pará
<i>Scomberomorus brasiliensis</i> Collette, Russo & Zavala-Camin, 1978	Perciformes	Scombridae	Peixe-Serra	Vista Alegre do Pará
<i>Bagre bagre</i> (Linnaeus 1766)	Siluriformes	Ariidae	Bandeirado	Vista Alegre do Pará
<i>Selene vomer</i> (Linnaeus 1758)	Carangiformes	Carangidae	Peixe-Galo	Vista Alegre do Pará

<i>Chaetodipterus faber</i> (Broussonet 1782)	Acanthuriformes	Ephippidae	Pamplo	Vista Alegre do Pará
<i>Mugil incilis</i> Hancock 1830	Mugiliformes	Mugilidae	Caíca	Vista Alegre do Pará
			Tainha	
<i>Paralonchurus brasiliensis</i> (Steindachner 1875)	<i>Incertea sedis</i>	Scianidae	Cachorra	Vista Alegre do Pará
<i>Mugil curema</i> Valenciennes, 1836	Mugiliformes	Mugilidae	Pratiqueira	Vista Alegre do Pará
<i>Trachinotus cayennensis</i> Cuvier, 1832	Carangiformes	Carangidae	Pratiuiro	Vista Alegre do Pará
-	Myliobatiformes	Dasyatidae	Arraia	Vista Alegre do Pará
<i>Strongylura marina</i> (Walbaum 1792)	Beloniformes	Belonidae	Timucu	Vista Alegre do Pará
<i>Lobotes surinamensis</i> (Bloch, 1790)	Acanthuriformes	Lobotidae	Caruaçu	Vista Alegre do Pará
<i>Trichiurus lepturus</i> Linnaeus, 1758	Scombriformes	Trichiuridae	Cinturão	Vista Alegre do Pará
			Peixe-espada	
<i>Elops smithi</i> McBride, Rocha, Ruiz-Carus & Bowen 2010	Elopidae	Elopiformes	Uéua	Vista Alegre do Pará
<i>Cetengraulis edentulus</i> (Cuvier, 1829)	Clupeiformes	Engraulidae	Sardinha	Vista Alegre do Pará
<i>Diapterus rhombeus</i> (Cuvier 1829)	Perciformes	Gerreidae	Bico-Doce	Vista Alegre do Pará
<i>Anableps microlepis</i> Müller & Troschel 1844	Cyprinodontiformes	Anablepidae	Tralhoto	Vista Alegre do Pará
<i>Sciades proops</i> (Valenciennes 1840)	Siluriformes	Ariidae	Cangatá	Vista Alegre do Pará
<i>Macrodon ancylodon</i> (Bloch & Schneider, 1801)	Acanthuriformes	Sciaenidae	Gó	Vista Alegre do Pará
<i>Anchovia clupeioides</i> (Swainson 1839)	Clupeiformes	Engraulidae	Sardinha-de-gato	Vista Alegre do Pará

O município Marapanim-PA, tem sido foco de diversos estudos, os quais destacam a importância da agricultura familiar (Alves *et al*, 2021; Rego, 2016), manejo e extrativismo de caranguejo (Mello *et al*, 2006; Alves *et al*, 2015), turismo (Furtado, 2019) e a pesca artesanal (Abreu, 2011; Costa, 2022). No entanto escassos são as pesquisas direcionadas a etnoictiologia e etnotaxonomia principalmente nas vilas pesqueiras Araticum-mirim e Vista Alegre do Pará que fazem parte das principais fontes de abastecimento de pescados no estado do Pará. As vilas Araticum-mirim e Vista Alegre do Pará são polos da Reserva Extrativista Mestre Lucindo, localizada no município de Marapanim Estado do Pará, criada com intuito de assegurar a conservação da biodiversidade dos ecossistemas de manguezais, restingas, dunas, várzeas, campos alagados, rios, estuários e ilhas para manter o uso consciente dos recursos naturais e proteger o meio de vida e a cultura das comunidades tradicionais extrativistas da região (COSTA *et al*, 2020).

O conhecimento biológico, a etnotaxonomia e etnoictiologia são instrumentos importantes para relação de nomenclatura comum com a científica. A partir disso as espécies podem ser identificadas. O conhecimento popular referente ao recurso natural e ao processo oral de repassar informações segundo Diegues e Arruda, (2001) é composto pelo conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobre-natural transmitido oralmente de geração em geração. Tal conhecimento também tem ligação direta com a experiência adquirida pela rotina realizada pelos moradores/pescadores desde muito cedo. Nesta pesquisa verificou-se que parte dos colaboradores tem mais de 20 anos de experiência na profissão, enquanto que a idade mínima constatada por Borcem *et al*, (2011) foi de 15 anos nas atividade pesqueira no município de Marapanim Pará, já Costa *et al* (2020) observou que atividade inicia entre 8-10 anos na vila Camará-PA. A comercialização acontece por meio de uma cadeia de agentes como: o pescador, o atravessador e o consumidor final. O atravessador é uma importante ponte para transportar o produto das regiões interioranas, como das vilas Araticum-mirim e Vista Alegre do Pará até a sede municipal Alves *et al*, (2015) facilitando o escoamento do produto pesqueiro por meio da comercialização (GARCEZ & SHANCHEZ-BOTERO, 2005).

O conhecimento tradicional das comunidades pesqueiras é fonte de uma diversidade de nomenclatura popular para identificação de peixes. Para nomear, distinguir e classificar espécies de pescado em uma região ou entre regiões utiliza-se do etnoconhecimento levando em conta características como: tamanho, cor, morfologia, época de reprodução, período de safra, habitat e modo de captura (Mourão E Nordi, 2002; Clauzet *et al*, 2007; Santana *et al*,

2015; Nascimento *et al*, 2016; Oliveira E Alves, 2021). Estas características são observadas de forma cognitiva, visual e experiência na atividade pesqueira, para se relacionar em território nacional e internacional além de conter informações para planejamento de gestão pública e privada (PREVIERO *et al*, 2013; SANTOS E SANTOS, 2018; TOBES *et al*, 2022).

Para categorizar os organismos vivos em nível de táxon Berlim (1992), denominou duas categorias, a de táxons genéricos, nomeados por nomes monomiais reconhecidos facilmente por sua grande quantidade de características morfológicas marcantes, ao oposto, os seres vivos incluídos nas categorias específicas, que requer uma observação mais minuciosa sobre os aspectos morfológicos. Desta análise surge a nomenclatura binominal. Tal categorial nominal é dada quando algum nome genérico é acrescido de um nome complementar que o torna específico, no entanto em algumas situações os nomes genéricos podem ser complementados de um segundo nome que não necessariamente torna o nome principal um binominal (CLAUZET *et al*, 2007).

Para os autores Mourão e Nordi (2002), nomes genéricos compostos são resultados de analogias em relação a animais domésticos ou outros objetos, relação observada entre os pescadores dos estuários do Mamanguapi (PB). Begossi e Garavello (1990) constataram que os pescadores do médio Tocantins também fazem referência as características dos peixes em comum com frutas e outras espécies animais. Marques (1991) observou que entre os pescadores do Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM), o conjunto de informações podem contribuir para identificação e classificação popular dos peixes, segundo o autor, os caracteres morfológicos mais gerais, formato do peixe ou de partes dele, informações ecológicas relacionados ao habitat das espécies, são características a serem consideradas para nomear as espécies de pescado.

Em Araticum-mirim e Vista Alegre do Pará verificam-se tanto nomes genéricos compostos análogos aos animais, objetos e habitat como no caso das espécies, *Selene vomer*, *Scomberomorus brasiliensis*, *Trichiurus lepturus*, *Genyatremus luteus*, nomeadas de peixe-galo, peixe-serra, peixe-espada e peixe-pedra respectivamente, quanto nomes binomiais modificados por adjetivos morfológicos como no caso das espécies, *Nebris micros*, *Cynoscion microlepidotus*, *Cynoscion leiarchus*, *Cynoscion virescens*, *Menticirrhus cuiaranensis*, *Anchovia clupeioides*, nomeadas como, sete-grude, pescada-amarela, Corvina-dura, Corvina-corneta, Mãe-de-vô, Sardinha-de-gato respectivamente. Quantificando um total de 26

nomenclaturas popular genérica monomiais, 4 espécies identificadas com nome genérico composto e 6 etnoespecies nomeadas por nomes específicos binomiais.

O tamanho dos organismos é uma das características mais utilizada para reconhecimento e identificação dos seres vivos, tal aspecto é enfatizado por Hunn (1999). Em comunidades voltadas à pesca artesanal os pescadores destacam o tamanho dos peixes como um forte aspecto a ser levado em conta quanto à identificação e classificação de espécies local (MARQUES, 1991; MOURÃO, 2000; COSTA-NETO & MARQUES, 2000; MOURÃO & NORDI, 2002 A E BEGOSSI *et al.* 2008).

Os resultados de etnonomenclatura obtidos na vila de Vista Alegre do Pará evidenciam a identificação popular com base nos diferentes tamanhos entre os peixes. A espécie *Mugil incilis*, por exemplo, é nomeada de Caíca, Pratiqueira e Tainha de acordo com seus diferentes tamanhos. Neste caso, o que está sendo observado como característica de identificação pelos pescadores locais são as fases de desenvolvimento da espécie nomeada, fazendo com que a mesma espécie seja nomeada por diferentes genéricos de acordo com os diferentes tamanhos deste organismo (CLAUZET, 2009).

Marques (1991) verificou em comunidades no Nordeste do Brasil, que as etnoespécies de Mugilídeos são nomeadas por diferentes genéricos baseados nos tamanhos dos indivíduos, outro exemplo descrito na literatura é o estudo de Mourão & Nordi (2002), encontraram entre os pescadores do Estuário de Mamanguape/PB as denominações: Sauna, Caceton, Xarelete, Pema, para os indivíduos de menor tamanho dos que os nomeados pelos genéricos: Tainha, Curimã, Xaréu e Caramupim, respectivamente, outro exemplo verificado por Serrão *et al* (2019) em que pescadores do Oeste do Pará nomeiam de Boco a fase juvenil da espécie Tambaqui. Segundo Marques (1995) este modelo classificatório pode ser considerado um padrão, nomeado pelo autor de padrão de sequencialidade, visto que ele existe em sistemas de classificação de pescadores nativos de diversas culturas.

Outro aspecto analisado no presente estudo foi o uso de nomes diferentes para identificar a mesma espécie, como no caso da espécie, *richiurus lepturus*, nomeada de Cinturão e Peixe-espada seu nome surge a partir das características morfológicas, por exemplo, seu corpo achatado e cabeça alongada, tal circunstância dar-se da percepção popular a respeito da classificação e identificação dos pescados, que contribuem tanto para dar vários nomes populares a mesma espécie como para atribuir o mesmo nome a espécies distintas (FERREIRA-ARAÚJO *et al.*, 2021; SERRÃO *et al.*, 2023). Similaridade destes resultados é

observado nos estudos de Clauzet *et al.* (2007), no qual, espécies como *Cynoscion jamaicensis* tem seis nomes comuns (Pescada, Camarupim, Dourado, Olhuda, Peroá e Peixe porco) na Praia de Guaibim-BA. Para exemplificar a utilização do mesmo nome popular para diferentes espécies científicas citamos o *Sciades herzbergii* e *Cetengraulis edentulus*, recebem o nome comum de Bagre e Sardinha em Araticum-mirim e Vista Alegre do Pará, locais fonte dessa pesquisa, no entanto estas nomenclaturas foram observadas na pesquisa de Garcez & Botero, (2011) sobre os pescadores artesanais do Rio Grande do Sul com o nome científico *Netuna barba* e *N. planifrons* e *Sardinella brasiliensis*.

Coloração, forma do corpo ou traços característicos de parte dele, tamanho do organismo ou de parte do seu corpo, tipos de escamas e nadadeiras, são detalhes morfológicos muito usados pelos pescadores do ERM para identificar e nomear os peixes. Mourão & Nordi, (2002). Um dos fatos que ajuda os pescadores a nomear as espécies são seus detalhes morfológicos, coloração, tamanho, alimentação dentre outros fatores que facilitam na hora do reconhecimento popular. Ainda que seja comum a captura da mesma espécie de indivíduo em vilas vizinhas com distância relativamente curta entre elas, alguns poucos detalhes para leigos são capazes de gerar nomenclaturas diferentes, porém os pescadores também são capazes de observar a mínima característica para reconhecer tal organismo.

O genérico folk Camorim é descrito pelos pescadores como um peixe de "fucinho comprido ou bico fino"; "o queixo dos lados da barbatana parecido com um serrote"; "espeto junto do rabo, debaixo da barriga"; "uma lista preta de cada lado do corpo" "cor branca" e "corpo largo" Mourão e Nordi (2002). A exemplo destaca-se a espécie *Centropomus irae*, possuem o mesmo nome científico, ordem, família, nome popular, etnoidentificado como Camorim, encontrado nas comunidades Araticum-Mirim com sua coloração prateada e em Vista Alegre do Pará com sua coloração dourada, localizados nas figuras 3 e 24. Apesar da sua coloração diferente os outros caracteres são semelhantes.

Dessa forma o contato direto com os recursos pesqueiros possibilita aos pescadores alcançar um amplo e detalhado conhecimento, tanto referente à biologia das espécies quanto ao seu estado de conservação, advindos de longos anos de experiência com as atividades de exploração desses recursos (Silvano & Valbo-jørgensen 2008; Serra-pereira et al., 2014). Tais informações podem resultar em práticas de manejo para favorecer a conservação dos recursos pesqueiros, (SILVANO; BEGOSSI 2010, 2012).

5. CONCLUSÃO

A etnotaxonomia é fascinante, estudando as diferentes formas culturais de classificar os seres vivos. Logo, esse estudo evidencia como os pescadores nomeiam e identificam o produto do seu trabalho. Utilizando principalmente os aspectos morfológicos e ecológicos adquiridos ao longo da vida.

É importante valorizarmos e entendermos os diferentes conhecimentos e culturas, pois cada saber contribui significativamente para a preservação da diversidade ambiental. Contudo, é importante destacar a necessidade de um estudo mais aprofundado, visando o compartilhamento de informações sobre a etnotaxonomia e ictiofauna no município.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, R. J. M; GUTJAHR, A. L. N; SILVA, J. A. do E. S. **Caracterização socioeconômica e produtiva da pesca artesanal no município de Marapanim, Pará, Brasil.** Observatorio de La Economía da Latinoamericana. Revista Eumednet. Brasil, jul/2015. 17 p.

ALVES, R. J. M.; GUTJAHR, A. L. N.; PONTES, A. N. **A agricultura familiar e sua importância para os povos amazônicos: o caso do município de Marapanim, Pará.** Pegada - A Revista da Geografia do Trabalho, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 109–127, 2021.

ABREU, W. L de. **Território e Gestão da pesca em coletividade local no Nordeste Paraense: Estudo de caso no Município de Marapanim-PA.** Dissertação de pós-graduação em Geografia (PPGEO). Programa de pós-graduação em Geografia. Belém-PA, p.213. 2011.

BEGOSSI, A.; CASTRO, F.; SILVANO, R. **Ecologia humana e conservação. In: BEGOSSI, A. (org.) Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia.** Ed. São Paulo: Hucitec, p. 332, 2004.

BEGOSSI, A; Clauzet, M; FIGUEIREDO J. L; GARUANA, L; LIMA, R.V; MACCORD, P. F; RAMIRES, M; SILVA, A. L & SILVANO, R. A. M. 2008. **Are biological species and high-ranking categories real? Fish folk taxonomy in the Atlantic Forest and the Amazon (Brazil).** Current Anthropology. 49 (2): 291-302.

BEGOSSI, A. & GARAVELLO, J. C. 1990. **Notes on the ethnoichthyology of fishermen from the Tocantins River (Brazil).** Acta Amazonica. 20: 341-351.

BERLIN, B. 1992. **Ethnobiological classification: Principles of categorization of plants and animals in traditional societies**. Princeton University Press. Princeton, New Jersey. 290p.

BORCEM, E. R.; FURTADO JÚNIOR, I; ALMEIDA, I. C.; PALHETA, M. K. S.; PINTO, I. A. **A atividade pesqueira no município de Marapanim-Pará, Brasil**. Revista de Ciências Agrárias, 54 (3), 189-201, 2011.

CARVALHO JÚNIOR, J. R. **Composição e distribuição da ictiofauna de interesse ornamental do Estado do Pará**. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal), Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

COSTA, R. S. da; GOMES, T. Da S; MARQUES, Z. V; PINHEIRO, K. A. O; MODESTO, R. C. **O modo de vida de extrativistas na comunidade Camará, município de Marapanim, Pará. Livro: A educação ambiental em uma perspectiva interdisciplinar**. C, 19. P 283-30. Editora científica digital. 2020.

COSTA, L. R. M da. **Pescadores e juventude de Marudá/PA: estão se afastando da pesca artesanal?**. 33º Reunião Brasileira de Antropologia, 2022. UFPA.

COSTA-NETO, E. M. A. **Zooterapia popular no Estado da Bahia: registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 16, p. 1639-1650, 2011.

COSTA-NETO, E. M; MARQUES, J. G.W. 2000 **Etnoictiologia dos pescadores artesanais de Siribinha, município do Conde (Bahia): aspectos relacionados com a etologia dos peixes**. Acta Scientiarum, 22 (2): 553-560.

CLAUZET, M. **Etnoictiologia de pescadores artesanais do nordeste e sudeste do Brasil**. Campinas, SP: [s. n.], 2009. Programa de Pós-Graduação: Ambiente e Sociedade– NEPAM.

CLAUZET, M; RAMIRES, M & BEGOSSI, A. (2007). **Etnoictiologia dos pescadores artesanais da praia de Guaibim, Valença (BA), Brasil**. Neotropical Biology and Conservation, 2, 136-154.

CHAVES. E. de A; SILVA. F. P. C de; CONSTANTINO. P de.A. L; BRAZIL. M. V. da S; DRUMOND. P. M. **A caça e a conservação da fauna silvestre no Estado do Acre**. Biodiversidade Brasileira, 8 (2): 130-148, 2018.

CRUZ, M. C. M. **Peixes comercializados na feira de Carapajó (Cametá, Pará)**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Naturais), Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Universidade Federal do Pará, Cametá, 2016. 26 p.

DIEGUES, A.C.S. & ARRUDA, R. S. V. 2001. **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil. Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil no contexto da Convenção sobre Biodiversidade biológica**. Ministério do Meio Ambiente. COBIO (CNPQ) e NUPAUB – USP. 176p.

LUCENA, R. F. P de **Etnobiologia: histórico, avanços e perspectivas**.
<https://www.youtube.com/live/3SVtq9UHfX4?si=eRLoWMyn0Ybm5zvt>

FERREIRA-ARAÚJO, T; LOPES, P. F. M; LIMA, S. M. Q. **Size matters: identity of culturally important herrings in northeastern Brazil**. *Ethnobiology and Conservation*, [S. l.], v. 10, 2021. DOI: 10.15451/ec2020-11-10.07-1-30. Disponível em: <https://ethnobiococonservation.com/index.php/ebc/article/view/402>. Acesso em: 18 nov. 2023.

FURTADO, D. C. **Entre a pesca e o turismo balnear: Alternativas de engajamentos dos moradores de Marudá (Amazônia Atlântica) ao trabalho**. Sociedade Brasileira de Ecoturismo. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.12, n 4, 2019, p 375-399.

GARCEZ, D. S; SHANCHEZ-BOTERO, J. I. **Comunidades de pescadores artesanais no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil**. *Revista Atlântica*, Rio Grande, 27 (1), 17-29, 2005.

HUNN E. 1999. **Size as limiting the recognition of biodiversity in folk biological classifications: One of four factors governing the cultural recognition of biological taxa**. Pp. 47-69. In: *Folkbiology*. Medin, D. & Atran, S. 1999. MIT Pres. Cambridge. 514 p.

LIMA, J. R. B de; FLORENCIO, R. R; SANTOS, C. A. B. dos. **Contribuições da etnozootologia para a conservação da fauna silvestre**. 2014. *Revista Ouricuri*, Paulo Afonso, Bahia, v.4, n.3, p.048-067.

LOPES, P. F; SILVANO, R; BEGOSSI, A. **A Etnozootologia no Brasil: da Biologia a Etnobiologia – Taxonomia e Enotaxonomia, Ecologia e Etnoecologia**. NUPEEA, Recife, 2010. Pp 69 - 64.

MALHEIROS, A.F. **Etnobiologia e as práticas culturais indígenas**. Cáceres/MT: layout gráfica, 2020. 32 p. (Caderno pedagógico intercultural, 1).

- MARQUES, J. G. W. 1991. **Aspectos Ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba, Alagoas.** Tese de doutorado, Instituto de Biologia. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 270 p.
- MARQUES, J. G. W. 1995. **Etnoictiologia: Pescando pescadores nas águas datransdisciplinaridade.** Universidade Federal de Alagoas. Centro de Ciências Biológicas - Departamento de Zoologia. Laboratório de Etnoecologia. Maceió, 1995. 41p.
- MELLO, C. F de; BELUCIO, L. F; NAKAYAMA, L; SOUZA, R. A. L. **Perfil socioeconômico dos tiradores de caranguejo-uçá nos manguezais de Marapanim, Pará-Brasil.** Ciências Agrárias, Belém, n. 45, p. 223-233, jan/jun. 2006.
- MOURÃO, J. S. 2000. **Classificação e ecologia de peixes estuarinos por pescadores do estuário do Rio Mamanguápe,PB.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos. (UFSC/SP). 131p.
- MOURÃO, J. S, & NORDI, N. 2002 (a). **Principais critérios utilizados por pescadores artesanais na taxonomia folk dos peixes do Estuário do Rio Mamanguápe, Paraíba-Brasil.** Interciência Vol. 27, número 11.
- NASCIMENTO, M. S; CARDOSO, C. A; FERNANDES, S. P; PEREIRA, L. G & Silva, B. B. (2016). **Desembarque e modelo preditivo de produção de tainhas (Mugilidae) em um polo pesqueiro do nordeste amazônico.** Biota Amazônia (Biote Amazonie, Biota Amazonia, Amazonian Biota), 6, 80-85.
- OLIVEIRA, M. M. **Os Povos Indígenas e a produção da Ciência na Amazônia.** 2019. Universidade Federal de Roraima.
- OLIVEIRA, M. D. V & Alves, A. D. B. (2021). **Saberes e práticas socioambientais na pesca artesanal do caranguejo-uçá na Amazônia bragantina (Pontinha do BacuriteuaPA).** Nova Revista Amazônica, 1, 111-130.
- PINTO, R. C. L. B; SANTOS, R. S; MACIEL, W. L. S; MACIEL, C. M. R. R; MACIEL JÚNIOR, A. **Sistema de comercialização de peixes nas feiras livres na sede do município de Itapetinga BA.** Enciclopédia Biosfera, Jandaia, v. 7, n. 13, p. 1249-1258, 2011.
- POSEY, D. **Etnobiologia: Teoria e Prática. In: Ribeiro, B.(Ed.) Suma Etnológica Brasileira. I. Etnobiologia.** Ed. Vozes. Petrópolis, RJ, Brasil. 45 pp. 1987.

POUGH, F. H. **A Vida dos Vertebrados**. São Paulo. Atheneu. 4. Ed. 2008.

PRADO-SILVA, J; PEREIRA DOS S. M; TIAGO. D. R.; AGUILAR-ALEIXO, L.
Conservação, Conflitos Homem-Natureza e Povos Indígenas: Mesa-Redonda Online na Promoção da Divulgação Científica. Revista Extensão & Cidadania, [S. l.], v. 10, n. 17, p. 126-137, 2022.

PREVIERO, M; MINTE-VERA, C. V & MOURA, R. L. D. (2013). **Fisheries monitoring in Babel: fish ethnotaxonomy in a hotspot of common names**. Neotropical Ichthyology, 11, 467-476.

RIBEIRO, B. G. Prefácio: **A arte do traçado dos índios do Brasil: um estudo taxonômico**. Biblioteca virtual Curt Nimuedajú. Belém.1985, p.185.

REGO, A. K. C. **Viabilidade econômica de sistemas agroflorestais no nordeste paraense**. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2016. Disponível em:
<http://repositorio.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/1918>.

ROCHA, J. A; BOSCOLO, O. H; FERNANDES, L. R. R. M. V. **Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional**. 2015. INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74.

SABINO, J; PRADO, P. I. L. **Vertebrados**. In: LEWINSOHN, T. M. **Avaliação do estado do conhecimento da biodiversidade brasileira**. Brasília: MMA, 2005. 520 p.

SANTANA, T. C; CASTRO, J. D. J. P; DA SILVA CASTRO, J; LINDOSO, A. L. P & TEIXEIRA, E. G. (2015). **Levantamento e caracterização das espécies do gênero Mugil Linnaeus, 1758 (Teleostei: Mugiliformes) da ilha do Maranhão, Brasil**. Revista Brasileira de Engenharia de Pesca, 8, 55-64.

SANTOS, M. A. S dos. **A Cadeia produtiva da pesca artesanal no Estado do Pará: estudo de caso no Nordeste Paraense**. Amazônia: Ci. & Desenv, Belém, v. 1, n. 1, jul. /dez. 2005.

SANTOS, K. S. S, & SANTOS, C. A. B. (2018). **Ethnoichthyology of artisanal fishers from nossa senhora island in the lower middle part of the São Francisco River**. International Journal of Development Research, 8, 23456-23461.

SERRA-PEREIRA, B.; ERZINI, K.; MAIA, C.; FIGUEIREDO, I. **Identification of Potential Essential Fish Habitats for Skates Based on Fishers' Knowledge**. *Environmental Management*, v. 53, n. 5, p. 985-998, 2014. <https://doi.org/10.1007/s00267-014-0257-3>

SERRÃO, E. D. M; BRAGA, T. M. P; COELHO, Y. K. da S; CAMPOS, D. P. F; SANTOS, A. A dos; IMBIRIBA, L. C; ZACARDI, D. M. **Conhecimento tradicional dos pescadores sobre o comportamento reprodutivo dos peixes em um lago de inundação no Oeste do Pará, Brasil**. 2019. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, MG. v.31, p.1-21, ISSN 1982-4513.

SERRÃO, E. D. M; BRAGA, T. M. P; COELHO, Y. K. D. S; CAMPOS, D. P. F; SANTOS, A. A. D; Imbiriba, L. C., & Zacardi, D. M. (2023). **Traditional knowledge of fishermen of the reproductive behavior of fish in a flood lake in western Pará, Brazil**. *Sociedade & Natureza*, 31, e45133.

SILVANO, R.A.M. (1997). **Ecologia de três comunidades de pescadores do rio Piracicaba (SP)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, 147 p.

SILVANO, R. A. M.; BEGOSSI, A. **What can be learned from fishers? An integrated survey of fishers' local ecological knowledge and bluefish (*Pomatomus altatrix*) biology on the Brazilian Coast**. *Hydrobiologia*, v. 637, p. 3-18, 2010. <https://doi.org/10.1007/s10750-009-9979-2>.

SILVANO, R. A. M.; BEGOSSI, A. **Fishermen's local ecological knowledge on Southeastern Brazilian coastal fishes: contributions to research, conservations, and management**. *Neotropical Ichthyology*, v. 10, n. 1, p. 133-147, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1679-62252012000100013>

SILVANO, R. A. M.; VALBO-JØRGENSEN, J. **Beyond fishermen's tales: contributions of fishers' local ecological knowledge to fish ecology and fisheries management**. *Environment, Development and Sustainability*, v. 10, n. 5, p. 657-675, 2008. <https://doi.org/10.1007/s10668-008-9149-0>.

SOUZA, D. G. **A Etnoictiologia como ferramenta para o desenvolvimento de práticas de educação ambiental em comunidades do baixo São Francisco**. São Cristóvão - SE. 2016. Monografia para obtenção de título de licenciado. UFS.

TOLEDO, V.M; BARRERA-BASSOLS, N. **A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais**. 2009. *Desenvolvimento e meio ambiente*. Vol. 20.

TOBES, I, CARRILLO-MORENO, C; GUARDERAS-FLORES, L; JÁCOME-NEGRETE, I & VELÁZQUEZ-CÁRDENAS, Y. (2022). **Ethnoichthyology and Ethnotaxonomy of the Kichwa Indigenous People of Arawanu (Arajuno)**, in the Ecuadorian Amazon. *Frontiers in Ecology and Evolution*, 10, 826781.

TRIVNOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo. Atlas S.A.1987.

ANEXOS



Figura 2: Registro de espécime de *Trachinotus carolinus*, etnoidentificado como Candira, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 3: Registro de espécime de *Centropomus irae*, etnoidentificado como Camorim, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 4: Registro de espécime de *Brachyplatystoma vaillantii*, etnoidentificado como Dourada, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 5: Registro de espécime de *Bagre bagre*, etnoidentificado como Bandeirado, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 6: Registro de espécime de *Cynoscion virescens*, etnoidentificado como Corvina-corneta, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 7: Registro de espécime de *Cynoscion leiarchus*, etnoidentificado como Corvina-dura, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 8: Registro de espécime de *Trachinotus cayennensis*, etnoidentificado como Pratiuiro, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 9: Registro de espécime de *Cynoscion microlepidotus*, etnoidentificado como Pescada-amarela, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 10: Registro de espécime de *Nebris microps*, etnoidentificado como Sete-grude, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 11: Registro de espécime de *Genyatremus luteus*, etnoidentificado como Peixe pedra, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 12: Registro de espécime de *Mugil incilis*, etnoidentificado como Caíca, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 13: Registro de espécime de *Batrachoides surinamensis*, etnoidentificado como Pacamum, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 14: Registro de espécime de *Macrodon ancylodon*, etnoidentificado como Gó, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 15: Registro de espécime de *Sciades herzbergii*, etnoidentificado como Bagre, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 16: Registro de espécime de *Menticirrhus cuiaranensis*, etnoidentificado como Mãe-de-vô, Araticum-Mirim, PA, Brasil.



Figura 17: Registro de espécime de *Sciades proops*, etnoidentificado como Cangatá, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 18: Registro de espécime de *Lobotes surinamensis*, etnoidentificado como Carauaçu, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 19: Registro de espécime de *Elops smithi*, etnoidentificado como Uéua, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 20: Registro de espécime de *Bagre bagre*, etnoidentificado como Bandeirado, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 21: Registro de espécime de *Mugil incilis*, etnoidentificado como Caíca e Tainha, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 22: Registro de espécime de *Diapterus rhombeus*, etnoidentificado como Bico-doce, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.

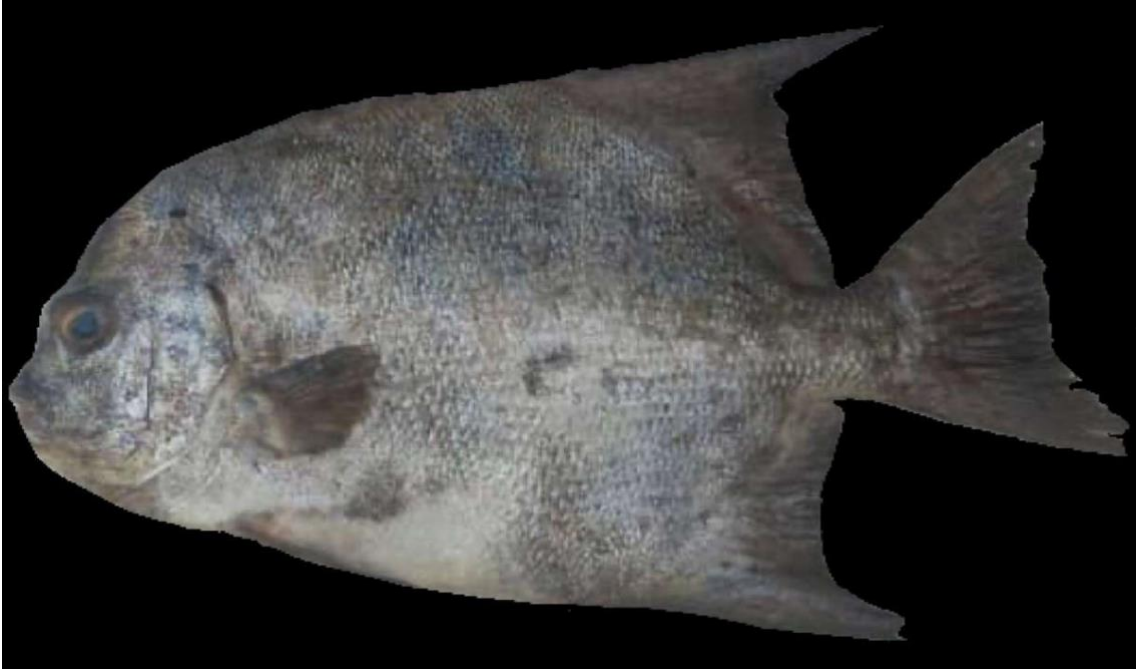


Figura 23: Registro de espécime de *Chaetodipterus faber*, etnoidentificado como Pamplo, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 24: Registro de espécime de *Strongylura marina*, etnoidentificado como Timucu, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 25: Registro de espécime de *Centropomus irae*, etnoidentificado como Camorim, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 26: Registro de espécime de, etnoidentificado como Arraia, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 27: Registro de espécime de *Anableps microlepis*, etnoidentificado como Tralhoto, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 28: Registro de espécime de *Scomberomorus brasiliensis*, etnoidentificado como Peixe serra, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 29: Registro de espécime de *Mugil curema*, etnoidentificado como Pratiqueira, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 30: Registro de espécime de *Macrodon ancylodon*, etnoidentificado como Gó, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 31: Registro de espécime de *Sciades passany*, etnoidentificado como Oritinga, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 32: Registro de espécime de *Cetengraulis edentulus*, etnoidentificado como Sardinha, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 33: Registro de espécime de *Anchovia clupeioides*, etnoidentificado como Sardinha-de-gato, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 34: Registro de espécime de *Paralonchurus brasiliensis*, etnoidentificado como Cachôrra, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 35: Registro de espécime de *Selene vomer*, etnoidentificado como Peixe-galo, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 36: Registro de espécime de *Oligoplites palometa*, etnoidentificado como Pratiuiro, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.



Figura 37: Registro de espécime de *Trichiurus lepturus*, etnoidentificado como cinturão e Peixe-espada, Vista Alegre do Pará, PA, Brasil.